

PRODUÇÃO TEATRAL, DA PRÁTICA À TEORIA
Deolinda Catarina França de Vilhena
Comunicação Oral – V Congresso ABRACE
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
GT Teatro Brasileiro

Palavras-chave: produção teatral, teatro brasileiro, leis de incentivo, administração teatral, políticas públicas

Todo projeto teatral repousa, necessariamente, sobre a organização de uma infra-estrutura, entretanto, a produção é um dos aspectos menos estudados nos cursos de Artes Cênicas no Brasil, onde a ausência de uma política cultural acaba por agravar a situação da Produção Teatral. Torna-se urgente um estudo sistemático dos métodos possíveis, bem como o conhecimento das regras sociais, fiscais, econômicas e culturais, que permitam aos que trabalham em teatro, fazer escolhas com maior clareza. Torna-se imperativo analisar o contexto no qual se insere a organização geral do teatro, sabendo que sua existência depende essencialmente das intervenções orçamentárias do poder público. O lugar do teatro no orçamento global dos governos, os critérios de intervenção, as escolhas da política teatral, são pontos de referência indispensáveis. Por outro lado, nós devemos nos colocar no interior da empresa teatral para analisar qual a melhor maneira para destinar seus recursos e obter os meios necessários, sejam eles subvenções ou próprios, em função do objetivo escolhido.

Afinal se, aparentemente, nada mudou; se no palco o espetáculo continua o mesmo, isso acontece apenas na aparência. A multiplicação de projetos, o aumento das companhias ou grupos de teatro, de festivais, de montagens com orçamentos cada dia mais altos e um ambiente jurídico cada vez mais complexo, exigem novos conhecimentos de administração para uma empresa, administrada até bem pouco tempo de maneira bastante informal. O espetáculo necessita sim de uma administração. Essa necessidade, gerada por um novo tipo de mercado, torna indispensável um estudo sobre o ato de bem produzir teatro e a figura do produtor-administrador nas companhias teatrais ou nos centros culturais.

Esse estudo será realizado a partir das pesquisas e das conclusões obtidas com a tese de doutorado *Les modes de production au Théâtre du Soleil à l'aune de la production théâtrale française depuis 1968: une exception dans l'exception culturelle?* defendida em janeiro de 2007 na universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) que conta a trajetória do Théâtre du Soleil dentro do contexto das mudanças ocorridas na Produção Teatral na França. Para tentar compreender o papel do modo de produção no Théâtre du Soleil e medir a sua influência na prática teatral, no jogo e na estética da trupe, minha tese fixa-se sobre o lugar ocupado pela produção na evolução do grupo no âmbito preciso da Produção Teatral francesa a partir de 1968, onde o teatro não escapa às leis do mercado e onde a ética e o artístico diluem-se no econômico. Algumas questões nortearam minha pesquisa do Théâtre du Soleil. Até onde a escolha de um modo de produção é um ato consciente e quais as consequências éticas e políticas? Até onde essa escolha é determinada – ou não – pelas condições históricas?

A originalidade do modelo de produção do Soleil, precursor dos modelos alternativos de cooperativa e criação coletiva dos anos 60, é mantida mesmo após a queda das ideologias que marcaram o início dos trabalhos da trupe. Esse modelo de produção, que mistura os valores do teatro público com a autonomia de gestão de uma empresa privada, é analisado em nosso trabalho como responsável pelo sucesso e pela vitalidade da companhia. O modelo de produção é, inicialmente, um projeto de articulação interna da obra onde se precisam as competências e os limites, a forma e o grau de participação dos intervenientes, a hierarquia decisória, a predominância de um elemento estético sobre outros. Neste sentido, configura a distribuição de poder num grupo humano, logo, é um ato político. Precede a realização do espetáculo sendo-lhe simultâneo.

O teatro não pode ser dissociado das condições políticas, sociais, econômicas, culturais nas

quais é feito, e a produção deve levar em conta o conjunto destes componentes. Além disso, o teatro é um meio de produção tecnicamente limitado, se comparado, por exemplo, aos meios de comunicação de massa, em especial ao cinema e à televisão. Enquanto estes operam com públicos genéricos e abstratos, que tendem ao infinito, o teatro apenas atinge públicos pequenos e restritos a uma representação numa única sala de espetáculos.

Por outro lado, os estudos da arte e da cultura como tópicos de investigação econômica são relativamente novos, a obra que deu início ao que hoje, nessa área se apresenta, foi *Performing Arts: the economic dilemma* escrita por William J. Baumol e William G. Bowen, e publicada na segunda metade da década de 60, focando a condição financeira das artes nos Estados Unidos. Os estudos realizados por Baumol e Bowen, consideravam a possibilidade do desaparecimento do teatro devido à falta de rentabilidade e produtividade das empresas de espetáculo, num mundo em evolução e crescimento, pois dentro de um contexto de crise inexorável e estrutural, as organizações artísticas podem ser ameaçadas de extinção, caso o financiamento do seu déficit não seja resolvido de maneira permanente.

O teatro é uma atividade deficitária por definição. Sua sobrevivência está condicionada a existência de um sistema de subvenções ou, ao patrocínio de empresas públicas ou privadas. Nesse último caso, modelo adotado no Brasil, estamos sujeitos a dois problemas: as distorções na proporcionalidade das destinações de verbas culturais, cuja existência pode ser vinculada a uma outra "cultura", a do tráfico de influência; e as concessões que nos obrigam a fazer nos planos políticos, artísticos e éticos, em detrimento da qualidade e artística

O que se vê no teatro brasileiro hoje é um modelo de Produção Teatral que se inscreve numa lógica totalmente comercial, ou mesmo industrial, à moda americana, dificultando a montagem de espetáculos de qualidade no país.

No entanto, os estudos sobre os modos de produção no teatro não me parecem na ordem do dia. Nota-se que os cursos de Artes Cênicas do país, assim como a pesquisa nessa área, têm ao longo da história privilegiado a criação em detrimento da história administrativa dos que fizeram e fazem teatro.

A partir dessa constatação, surgiu meu interesse em trazer a Produção Teatral para o curso de Artes Cênicas como uma disciplina independente – em alguns momentos da história do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP a Produção Teatral entra como parte de uma disciplina intitulada Produção, ética e legislação –, por meio desse projeto, dar um passo a mais rumo às alternativas ao sistema estabelecido, para que os jovens estudantes de teatro venham, um dia, a montar os espetáculos que desejam e não apenas aqueles impostos pelas leis ditadas pelo mercado.

Por outro lado, a implementação da Produção Teatral como disciplina universitária é o ponto de partida de um projeto mais ambicioso: criar um Núcleo de Produção no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, que poderá trabalhar e desenvolver-se a partir dos próprios espetáculos montados pelos estudantes no âmbito das disciplinas puramente artísticas.

Fruto de uma geração de produtores formados na prática, para quem a paixão pelo teatro supera qualquer formação, e convencida que os produtores devem ser sobretudo pessoas de teatro, pareceu-me lógico colocar minha investigação na ótica desenvolvida por Jacques Rigaud, que busca impedir que a cultura seja vista apenas como uma atividade econômica, pois, mesmo gozando de um estatuto especial ela estaria condenada a banalização.

O teatro é uma arte extremamente sensível a toda e qualquer flutuação econômica, mas isso não nos autoriza a ver a cultura como uma mercadoria, nem a lógica econômica como a única maneira de analisar a produção no teatro. Estudar a Produção Teatral adotando um ponto de vista de economista, ainda que seja possível, não é suficiente, pois uma visão demasiado estrita e unicamente econômica teria por consequência um empobrecimento do assunto e a ignorância ou a incompreensão de certos fatos capitais do teatro. Seria redutor esquecer a dimensão de vida e de arte existentes nos projetos éticos e estéticos dos que fazem teatro.

A organização desse curso dentro do Departamento de Artes Cênicas poderá contribuir para suprir a lacuna existente no que se refere ao conhecimento da Produção Teatral, bem como para a

sistematização da mesma, criando uma base de reflexão sobre a complexidade dos processos criativo-produtivos teatrais, gerando conhecimentos que possam contribuir, ainda que em escalas diferentes, para o movimento teatral universitário. É o que esperamos alcançar com a pesquisa que ora realizamos, em nível de pós-doutorado, sob a supervisão da Prof^a. Dr^a. Sílvia Fernandes e como bolsista de PDJ da Fapesp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIRACHED, Robert. Le théâtre et le prince. I. L'embellie, 1981-1991.
II. Un système fatigué, 1993-2004. Paris: Actes Sud, 2005.

BAUMOL, William e BOWEN, William G. Performing Arts – the economic dilemma. Cambridge, Massachusetts/EUA: Twentieth Century Fund, 1966.

BENHAMOU, Françoise. L'économie de la culture. Paris: La Découverte, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Les règles de l'art. Paris : Seuil, 1992.

EVARD, Yves (dir.). Le management des entreprises artistiques et culturelles. Paris: Economica, 2004.

FRANÇA DE VILHENA, Deolinda Catarina. Les modes de production au Théâtre du Soleil à l'aune de la production théâtrale française depuis 1968 : une exception dans l'exception culturelle ? Tese de Doutorado, sob orientação de Jean-Pierre Ryngaert. Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle, 25.01.2007.

MICHALSKI, Yan e TROTTA, Rosyane. Teatro e Estado (As Companhias Oficiais de Teatro no Brasil: História e Polêmica). São Paulo, Hucitec, 1992.

WALLON, Emmanuel (dir). L'artiste, le prince, Pouvoirs publics et création. Grenoble, Presses universitaires de Grenoble, 1991.